

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 28

Nº 178

MAIO - JUNHO

2011

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	5
1500-592 Lisboa	Deus é Amor	6
Telefone : 217 647 441	A sós (soneto)	9
*	Reforma Íntima	10
Director Responsável :	Páginas do Passado	19
Manuela Vasconcelos	As bodas e o 3º Milénio	23
	A paleta e o Pintor	25
*	Dia de Deus	29
Tiragem : 150 exemplares	Eles que decidam!	31
Distribuição Gratuita		

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

EDITORIAL

Dentre os inúmeros assuntos que podem preencher ou ser referidos num editorial, resolvemos, hoje, falar daquele que é mais actual, embora já um tanto velhinho, e que por um e outro motivo preocupa novos e velhos: novos, porque não têm emprego ou não conseguem arranjar o seu primeiro trabalho remunerado e os mais velhos porque sentem sempre mais as restrições do dia a dia, a reflectirem-se nas necessidades que vivem, paredes a dentro dos seus lares... e vamos falar, não porque tenhamos a “mágica” que acabe com tudo o que nos preocupa e transforme o nosso País num cantinho de “leite e mel”, como o que foi prometido a Moisés, mas para ajudar, talvez, cada um a olhar o nosso Portugal com outros olhos, e as nossas dificuldades de uma outra maneira - talvez transformando-as em dificuldades menores ou, ainda, em um pouco mais de facilidades.

Para começar, convido-vos a um olhar sobre o mapa-mundi, invocando os países, um por um: começemos aqui mesmo, pela velhinha Europa, de onde há vários séculos atrás saíram as caravelas portuguesas, com a cruz do Cristo nas velas, a descobrirem e darem novos mundos ao mundo! Quantos países existem hoje, neste continente que todos chamam de velho! Mas vamos chamar-lhe de “velho” com um acento carinhoso: lembremo-nos que idade significa experiência e Portugal, um ponto pequenino na imensidão do bloco, pode, ainda assim, reconhecendo as necessidades e crises que assolam todos os outros, pode receber, no seu bojo, todos os imigrantes que aqui chegam, na busca do seu lugar ao sol, porque nos seus países de origem a situação que viviam era bem mais caótica que a nossa. Para esses, o nosso “cantinho” representa o éden!

Nos outros países, em alguns deles, há de tudo, até a bomba atômica: no nosso, há paz! Uma paz pobre, porque feita das preocupações e faltas que nos fazem dores de cabeça, por vezes, mas que nos ajuda a seguir em frente... e a aguardar dias melhores!

Debruçamo-nos sobre os outros continentes e verificamos, também neles, as mesmas faltas, as mesmas preocupações que existem no nosso – até naquele outro que todos nos habituámos a referir como o mais rico do mundo, porque nele está a América -; por todo o lado, as faltas, o desemprego, a miséria, a doença... nós AINDA temos força para respirar, ainda somos capazes de tornar as dificuldades, ainda sabemos e somos capazes de estender as mãos para tantas outras, mais vazias que as nossas! Em troca da revolta que vemos em alguns olhares, ainda temos AMOR para dar... e enquanto formos capazes de o sentir, enquanto os nossos corações não deixarem de bater porque empedernidos, haverá sempre a esperança de um Amanhã melhor!

Então, as nossas palavras de hoje são estas mesmas, de esperança, acompanhadas por um pedido: não deixem que o negativismo os vença! Dêem-lhe sempre a volta, e mesmo que o sol teime em não aparecer, num ou noutro dia, imaginem-no nos vossos lares, aquecendo uns e outros e aquecendo os vossos corações porque, não podemos esquecer – ninguém deve esquecer – que há pouco mais de dois mil anos, ALGUÉM chegou à Terra por todos nós, ALGUÉM nos amou e chamou de Irmãos, afirmando-nos que temos todos o mesmo Pai, que é Deus, que nos doou este planeta para aqui aprendermos; aprendizado é dor, também, é vencer barreiras e saltar muros; aprendizado é sermos capazes de encolher os ombros hoje, esperando com fé o dia de amanhã; aprendizado é vermos a indignidade que passa à nossa porta e mantermo-nos dignos para lá de tudo e de todos, porque se, num pretérito mais ou menos distante fomos capazes de cometer

erros que apenas Deus foi capaz de nos permitir reparassemos, não podemos esquecer que hoje estão outros a agir da mesma maneira que nós já o fizemos!

... e a recomendação do Divino Amigo “Orai e Vigiai” é tão premente hoje como há séculos atrás: orar para merecermos o auxílio Divino, vigiar para não deixarmos que a tentação nos vença... e olharmos o nosso prato, vê-lo a transbordar de sopa, olharmos para o lado para aquele outro companheiro de jornada que tem o seu vazio, e partilharmos o nosso com aquele que nos ombreia.

... e amanhã, quando acordarmos do sono da noite, vamos sorrir para o dia que começa, vamos sorrir para a vida que continua, e nas nossas orações diárias agradeçamos ao Senhor a Sua confiança em nós, permitindo-nos viver toda esta turbulência que nos rodeia, mas que não vamos deixar que nos afecte porque Ele, o Pai, dá-nos forças para a suportarmos.

Não nos podemos esquecer que temos que ser dignos, porque a nossa dignidade, o nosso comportamento são necessários para ajudar à transformação deste planeta que o Senhor nos confiou – porque confia em nós!

Muita paz – muita fé nos vossos corações.

A DIRECÇÃO

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

5. – Mas o professor não ensina aquilo que aprendeu; é um revelador de segunda ordem; o homem de génio ensina aquilo que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; ele traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Onde estaria a humanidade sem a revelação dos homens de génio que surgem de tempos a tempos?

Mas o que constitui os homens de génio? De onde vieram? O que é feito deles? Notemos que a maior parte deles denota, ao nascer, faculdades transcendentais e conhecimentos inatos que apenas um pouco de trabalho é suficiente para desenvolver. Eles pertencem realmente à humanidade, pois que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-à, como os materialistas, que o acaso lhes proporcionou matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Nesse caso, eles não possuiriam mais mérito do que um legume maior e mais saboroso que outro.

Dir-se-à, com certos espiritualistas, que Deus os dotou com uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição também sem lógica, pois assim se atribuiria parcialidade a Deus. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de génio é um Espírito que viveu por mais tempo, e, por

consequente, tem mais aquisições e mais progresso que aqueles que se acham menos adiantados. Encarnando-se, ele traz o que sabe, e como sabe mais que os outros, sem ter de aprender, é o que se chama um homem de génio. Mas o que ele sabe não é outra coisa senão o fruto de um trabalho anterior, não é o resultado de um privilégio. Antes de renascer, portanto, era um Espírito adiantado; ele se reencarna, seja para que outros se aproveitem do que já sabe, seja para adquirir progresso.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às suas próprias forças, esse progresso seria muito lento se não fossem ajudados pelos homens mais adiantados como o escolar o é pelos seus professores. Todos os povos têm tido seus homens de génio, que surgem, em épocas diversas, para impulsioná-los e tirá-los da inércia.

(Continua)

ALLAN KARDEC

(In: A GÉNESE, 13ª ed., Lake, 1981, capítulo I).

DEUS É AMOR

Nestas dezenas de anos já somadas desde que ‘descobrimos’ e optámos pela Doutrina Espírita, pondo de lado, definitivamente, o catolicismo que nossos pais nos fizeram seguir ainda enquanto crianças, detemo-nos por vezes (agora, já não

tantas) perguntando-nos das razões que levaram os homens , que leram e aprenderam todos os mesmos ensinamentos de Jesus, a desvirtuá-los e a criarem conceitos diferentes para a Verdade que Ele nos deixou?!

É como se a Sua afirmativa “Eu sou o caminho” lhes desse autorização de abrirem estradas que, em vez de nos aproximarem do Senhor, mais d’Ele nos afastassem!

A interpretação que deram e transmitiram para o povo, concluímos, acaba por estar mais de acordo com Moisés e a sua lei terrena, que com a afirmativa messiânica “Não vim destruir a lei, mas vivenciá-la através do amor”.

No catolicismo que seguimos e de que nos afastámos muito antes de termos encontrado a Doutrina do Consolador, tudo é mistério; todas as nossas quedas são julgadas e punidas por um Deus castigador... e a ameaça desses mesmos castigos muito nos fizeram sofrer, enquanto jovem: o inferno era-nos sempre apontado como o único mérito (demérito) da nossa conduta! Mas quando uma alma vive sequiosa de algo de bom, diferente e esperançoso, queiramos ou não, acabamos sempre por dar os passos necessários para encontrarmos aquilo que desejamos nos realize, ainda que a longo prazo! E o encontro que cada um vai fazendo com a Doutrina Espírita é bem a concretização da Descoberta – não uma descoberta qualquer, mas a que nos dá um Pai de Amor que conhece os nossos erros e quedas mas que, em vez de limitar os nossos passos, nos vai concedendo e repetindo as oportunidades de que necessitamos para a nossa modificação e aperfeiçoamento.

DEUS É AMOR – são palavras, sim, mas são também a afirmativa de que sendo Amor e Pai, nos sabe imperfeitos mas

nos vai dando tempo para que nos melhoremos – e essa melhoria significa a nossa transformação até à conquista da pureza para que fomos criados!

Somos eternos, sim!, e libertos para agirmos como bem nos apeteça e a condicional que, pouco a pouco, vai orientando os nossos passos está relacionada não com a punição de um senhor castigador mas com o Amor em que o Pai nos envolve a todos, impulsionando-nos a agirmos sempre mais e melhor!

Assim, a felicidade que todos almejamos depende unicamente do nosso empenho em nos tornarmos melhores a cada dia, a cada encarnação... e tornarmo-nos melhores significa, afinal, combatermo-nos em todas as más tendências que nos vêm acompanhando ao longo das muitas vivências que já tivemos.

Deus aguarda-nos e confia em nós : confiemos nós, um pouco mais, em nós mesmos e mais rapidamente atingiremos a meta que nos aguarda desde o momento da Criação : a de Espíritos puros, e todos o seremos, um dia, num tempo e espaço que não conta na Eternidade da qual, nós, afinal, também fazemos parte!

Belém, Pará, 29.12.2010

MANUELA VASCONCELOS



A SÓS ...

Acendo o meu cigarro e os olhos fito
Nas pardas névoas desse ténue fumo
Que tão ligeiro vai, sem norte ou rumo,
Subindo a grande escada do Infinito.

Aonde irão?... Não sei, nem o presumo!...
Mas, por vê-las fugir, então reflito
Que de tanto que leio e está escrito,
Somente a dúvida que esmaga, exumo.

Deste tabaco que se chama – Vida! -,
Que o tempo fuma num cachimbo enorme,
O fumo aonde irá buscar guarida?!...

Volta a cair no todo às leis conforme?...
Vive no Espaço como luz perdida?...
Busca a Força Suprema que o transforme.

DÁ MESQUITA

(In: Revista da ‘Sociedade Portuense de Investigações Psíquica’,
ALÉM, Setembro de 1935. O Dr. Dá Mesquita Paul foi médico e
pertenceu aos Corpos Sociais da Sociedade).



REFORMA ÍNTIMA

Muitos são os motivos que nos levam à Casa Espírita: pelo amor, pela dor, convite de alguém, hoje pela razão, etc... E o que acontece? Assistimos a palestras, recebemos o passe, tomamos água fluidificada e vamos embora. Somos espíritas apenas dentro da Casa Espírita, estas atitudes irão se repetir por longo tempo. Mas à medida que vamos estudando e compreendendo melhor os ensinamentos espíritas, sentimos que necessitamos nos integrar mais nas acções de reforma moral da sociedade, e nada melhor para fazermos isso que iniciando por nós mesmos, ou seja, que sejamos espíritas na convivência com o mundo, e isso nos leva à nossa reforma moral.

Todo espírita estudioso caminha neste sentido, porque compreende que o Espiritismo, como Filosofia, busca atingir o seu mais nobre objectivo, que é a reforma moral da criatura.

A grande maioria dos livros escritos pelas vias mediúnicas são ricos de ensinamentos e verdadeiros tratados de saúde mental, com uma terapia baseada no Evangelho de Jesus e na Codificação Kardequiana.

Livros como ‘Auto Conhecimento’, ‘O Homem Integral’, ‘O Ser Consciente’, ‘Espelho d’Alma’, ‘Momentos de Renovação’, e outros não necessariamente espíritas, nos indicam a importância da reforma íntima, ou renovação de atitudes, como factor essencial para alcançarmos o progresso moral e espiritual, visando à nossa felicidade relativa. Duas afirmativas nos chamam à reflexão:

1. Renovação de atitudes ...

Um jovem foi ao médico, queixando-se de dores abdominais. Tendo sido atendido pelo médico, este atencioso, realizou exames, fez entrevistas e, ao final, chegou ao diagnóstico: cirrose hepática, doença do fígado por ingestão de bebida alcoólica. Enfermidade conhecida e facilmente tratável, receitou um tratamento, onde o paciente deveria tomar uma medicação, fazer caminhadas diárias, e ao final da caminhada, realizar alguma ginástica. O paciente saiu satisfeito, pois ver-se-ia livre de suas dores. Ao final do mês retornou, novamente, o paciente ao consultório médico, onde o doutor o atendeu solícito.

- Ah, doutor! O tratamento não deu resultado, pois continuo a sentir dores.

O profissional estranhou, pois tinha confiança no seu diagnóstico, mas voltou a examiná-lo.

- O senhor tomou o remédio que lhe receitei?
- Sim, senhor doutor, certinho, três vezes por dia!
- O senhor fez as caminhadas, para melhorar a circulação?
- Cinco quilômetros todos os dias, doutor!
- O senhor fez as ginástica, como recomendado?
- Uma hora diária após as caminhadas, doutor!
- O senhor parou de beber?
- Não, doutor... Doutor, continua doendo...

A medicina terrena trata das enfermidades do corpo físico; o Espiritismo trata das enfermidades do espírito (estando ele encarnado ou não). O médico nos escuta, analisa, faz exames e nos recomenda um tratamento. A Casa Espírita nos escuta, analisa, consola, e também nos recomenda mudanças de atitudes; mas esta,

vai mais além em nosso benefício, pois nos fornece o passe magnético, a água fluidificada e, em alguns casos, tratamentos de desobsessões.

Mas, assim como no caso do paciente enfermo, se quisermos melhorar cumpre que façamos a nossa parte, mudando as nossas tendências negativas, ou ficaremos indefinidamente tomando remédios, realizando caminhadas, fazendo ginásticas, recebendo passes, tomando água fluidificada...

Emmanuel, numa das suas mensagens, nos diz: “O pastor conduz o seu rebanho, mas são as ovelhas que andam com as próprias pernas.”

2. Felicidade relativa...

Em virtude da afirmativa de Jesus “A felicidade não é deste mundo” (Bíblia, Eclesiastes, Evangelho S/o Espiritismo, cap. V, item 20) : analisando esta afirmativa do Cristo, apenas pela letra que mata e não pelo espírito que vivifica, muitos apressados, inimigos do estudo e cultores do negativismo atribuem que estamos na Terra para sofrer, que este é um vale de lágrimas, que aqui só há dores e aflições, etc.. Semelhantes afirmativas são, no mínimo, equivocadas e inconsequentes, pois espalham o desânimo, o pessimismo, a descrença, a resignação incondicional. A nossa razão nos mostra que podemos e temos momentos felizes, mesmo no estágio evolutivo em que nos encontramos, pois – quem não fica feliz com um casamento? O nascimento do primeiro filho? Uma formatura? O primeiro emprego? No aniversário, recebendo aquele presente tão esperado? Jesus, profundo conhecedor, não iria contrariar as leis naturais, negando estes factos. Ele se referia, tão somente, à felicidade plena, que é atributo apenas dos mundos felizes e angélicos.

Sabemos, então, que para evoluirmos espiritualmente, temos que realizar a nossa reforma íntima, mas algumas perguntas nos assaltam:

- **O que é reforma íntima?** Ela deve ser compreendida como a chave mestra, para o sucesso de sua melhora interior e, conseqüentemente, da sua felicidade exterior.

- **Para que serve?** Renovar as esperanças interiores, tendo por meta o fortalecimento da fé, a solidificação do amor, a incessante busca do perdão, o cultivo dos sentimentos positivos e a finalização no aperfeiçoamento do ser.

- **O que fazer?** Realizar actos isolados no dia a dia, levando-nos a melhorar as nossas atitudes, alterando para melhor a nossa conduta e aproximando-a, tanto quanto possível, do ideal cristão.

-**Por onde começar?** Pela auto crítica.

- **Como fazer a reforma íntima?** Bem...

(Cairbar Schutel–“Fundamentos da Reforma Íntima” Abel Glaser).

Embora uma linha de pensadores espíritas entenda que os meios de o conseguir é obra e esforço de cada um, as obras literárias estão repletas de indícios e dicas. Em “O Livro dos Espíritos”, no capítulo ‘Conhecimento de Si Mesmo’, à pergunta 919, Allan Kardec questiona os Espíritos:

- *Qual o meio mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*

- *Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo.*

Allan Kardec, profundo conhecedor das deficiências humanas, investiga mais a fundo, no desdobramento da questão acima:

- 919) – *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está, precisamente, em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

- *Fazer o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar... (Santo Agostinho – O Livro dos Espíritos).*

Parece resultar daí que o conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual.

(Esta é uma tarefa que compete a cada um individualmente).

Ocorre-nos lembrar de Benjamin Franklin, estadista, escritor e inventor norte americano. (Inventor do pára-raio, Boston, 17.1.1706, Filadélfia, 17.4.1790).

Benjamim Franklin era um tipógrafo, em Filadélfia, fracassado e cheio de dívidas; achava que tinha aptidões comuns mas acreditava que seria capaz de adquirir princípios básicos de viver com êxito, se pudesse apenas encontrar o método certo. Método este encontrado e relatado em seu livro “A Autobiografia de Benjamim Kranklin” – (1771-1788).

Benjamim Franklin, em sua juventude era um homem de muita inteligência e perspicácia, apesar de ter estudado apenas até o segundo ano primário. Era ávido de conhecimento e lia muito, estudava e escrevia ensaios e poesias. Estudava sobre tudo o que lhe interessava, principalmente sobre os grandes vultos da história

de todos os tempos. Por isso mesmo, tinha uma grande cultura e um conceito moral muito rígido, e cobrava-se muito, bem como cobrava aos outros a mais correcta e ilibada conduta. Em suas reuniões sociais, tecia críticas francas e ácidas sobre todos os deslizes de seus colegas, sentindo um prazer mórbido em derrotar verbalmente aos seus oponentes, facto que ao longo do tempo foi deixando-o só e isolado nas reuniões a que eram ‘obrigados’ a convidá-lo, pelo seu cargo público. Sentindo o peso deste isolamento, em conversa com um amigo muito chegado, comentou esta aversão das pessoas de seu convívio. Tendo sido localizada a causa deste sentimento de aversão, com uma tenacidade que só as almas valorosas possuem, empreendeu uma luta acirrada ao combate às suas imperfeições. Mas, por mais que se esforçasse, controlava uma imperfeição mas caía, invariavelmente, em outra; quando esta outra recebia a sua atenção, novo deslize fazia-o tropeçar e a situação não avançava. Era como se estivesse tentando reter água com as mãos que, não obstante, escorria por entre seus dedos.

O isolamento continuava e até acentuava-se. Lembrando-se das habilidades bélicas de Napoleão Bonaparte, que adoptava a estratégia de “dividir para vencer”, de espírito inventivo, Franklin imaginou um método, tão simples porém tão prático, que qualquer pessoa poderia empregá-lo.

Franklin escolheu treze princípios que julgava ser necessário ou desejável aprender e procurar praticar. Escreveu-os em pequenos pedaços de cartolina, com breve resumo do assunto, e dedicou uma semana da mais rigorosa atenção a cada um desses princípios, separadamente. Desse modo, pode percorrer a lista toda em treze semanas, e repetir o processo quatro vezes por ano. Quando passava ao princípio seguinte não esquecia os anteriores, e cada vez que se pegava em falha, fazia uma pequena marca no

verso do cartão; assim, no retorno àquele princípio, dedicava-lhe maior atenção e esforço.

Manteve em segredo o que estava fazendo, pois receava que os outros se rissem dele. (É triste constatar que até aos dias de hoje nos vangloriamos de actos incorrectos, falcatruas, engodos, vícios que cometemos, mas temos vergonha de admitirmos que estamos tentando melhorar, praticando alguma virtude). Ao fim de um ano, Franklin havia completado quatro cursos e constatou que já buscava com naturalidade o controle de suas falhas, apesar de estar longe de dominar, com perfeição, qualquer daqueles princípios.

Este procedimento deu tão certo que Franklin utilizou-o ao longo de toda a sua vida, embora mudando os princípios, uma vez já tendo controlado aquela deficiência combatida.

Os treze princípios de Benjamim Franklin eram:
(Autobiografia de Benjamim Franklin, tais como escreveu e na ordem que lhes deu):

- 1. – Temperança** – não coma até ao embotamento; não beba até à exaltação.
- 2. – Silêncio** – não fale sem proveito para os outros ou para si mesmo; evite a conversação fútil.
- 3. – Ordem** - tenha um lugar para cada coisa; que cada parte do trabalho tenha seu tempo certo.
- 4. – Resolução** – resolva executar aquilo que deve; execute sem falta o que resolve.
- 5. – Frugalidade** – não faça despesa sem proveito para os outros ou para si mesmo, ou seja, nada desperdice.
- 6.- Diligência** – não perca tempo; esteja sempre ocupado em algo útil; dispense toda actividade desnecessária.

7.- Sinceridade – não use de artifícios enganosos; pense de maneira recta e justa, e, quando falar, fale de acordo.

8. – Justiça – a ninguém prejudique por mau juízo ou pela omissão de benefícios que são dever.

9.- Moderação – evite extremos; não nutra ressentimentos por injúrias recebidas, tanto quanto julga que o merecem.

10.- Asseio – não tolere falta de asseio no corpo, no vestuário, ou na habitação.

11.- Tranquilidade – não se perturbe por coisas triviais, acidentes comuns ou inevitáveis.

12.- Castidade – evite a prática sexual sem ser para a saúde ou procriação; nunca chegue ao abuso que o enfraqueça, nem prejudique a sua própria saúde, ou a paz de espírito ou reputação de outrém.

13.- Humildade – Imita Jesus e Sócrates.

A quantos desejarem experimentá-lo, sugere-se analisarem-se, buscando aquelas deficiências mais comuns e corriqueiras que sabemos possuir, ou as qualidades que não temos mas que gostaríamos de ter, adaptando o método às necessidades e interesses de cada um. Ao alcançar uma conquista, alterar a meta, buscando por outra, que vão surgindo ao longo do tempo, mas cuidando sempre para que não incorram em recaída.

Este não será o primeiro nem o último método inventado, que visa à melhoria das pessoas através da reforma íntima, mas com certeza nos aponta mais uma alternativa palpável e simples, que está ao alcance de quantos tiverem a coragem e a vontade firme de empreender esta luta íntima na esclada evolutiva.

Não é um caminho fácil. Não existe caminho fácil. Mas é um caminho seguro.

Em ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, capítulo XVII, **SEDE PERFEITOS**, Allan Kardec escreveu: *‘Reconhece-se o verdadeiro Espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que emprega para domar as suas más inclinações.’*

Na Bíblia, em ‘O Novo Testamento’, Tiago em suas epístolas nos adverte: *‘Fé sem obras é estéril.’*

Que Jesus nos ilumine e guie. Muita paz.

Bibliografia:

1. – O Evangelho Segundo o Espiritismo (Allan Kardec);
2. – O Livro dos Espíritos (Allan Kardec);
3. – O Homem Integral (Divaldo Pereira Franco – Joanna de Ângelis);
4. – Autobiografia de Benjamim Franklin;
5. – Fundamentos da Reforma Intima (Abel Glaser – Cairbar Schutel).

JOÃO BATISTA ARMANI

(Recebido, via internet, por amável gentileza de Eduardo Viegas. Mantivemos o estilo e redacção originais e a nossa grafia antiga, portuguesa, por não nos termos ainda desabituaado da mesma).



PÁGINAS DO PASSADO

Mediunidade

Ao contrário do que muita gente supõe e até do que se lê em alguns livros, em minha modesta opinião a mediunidade não é “um dom de Deus, uma graça, um favor”, mas, simplesmente, uma aptidão, uma faculdade que, como tal, é susceptível de desenvolvimento por meio de processos adequados, sucedendo, contudo, muitas vezes, não ir além de manifestações rudimentares, mercê de variadas razões.

E a melhor conclusão a favor da tese de que a mediunidade não ser considerada privilégio de determinados indivíduos, reside na circunstância, sempre posta em relevo por todos os autores, de que muitos raros são aqueles que não possuem qualquer espécie de mediunidade, chegando mesmo alguns a afirmar que todos somos médiuns em maior ou menor grau.

Allan Kardec, tratando deste assunto no ‘Livro dos Médiuns’ escreve: *“Sendo esta faculdade (a mediunidade) inerente ao homem, não constitui privilégio exclusivo de ninguém, e assim é que poucos há que não tenham alguns rudimentos dela.”*

Igual opinião emite Léon Denis: *“Em todo o ser humano existem rudimentos de mediunidade, faculdades em germen, que se podem desenvolver pelo exercício.”* (No Invisível).

O experimentador brasileiro, Hans Arnoldo, também é do mesmo parecer: *“Toda a pessoa tem maior ou menor disposição*

mediúnica. Depende somente que essa faculdade seja convenientemente estudada e desenvolvida.” (Sessões Espíritas).

De resto, o mais elementar bom-senso e a observação menos rigorosa arredam, de pronto, do nosso espírito, a ideia de que devemos ter os médiuns na conta de seres escolhidos, e de que a mediunidade é um favor divino, um sinal com que Deus pretende distinguir algumas das suas criaturas, pois tal benefício, além de desmentido pela experiência quotidiana, estaria em conflito com a Justiça que sabemos preside a todos os actos do Criador.

*

Costumam as pessoas que pensam diferentemente, olhar os médiuns como seres quase sobrenaturais, rodeando-os, por isso, das maiores e das mais desveladas atenções e procurando sempre merecer-lhes especial estima.

E não é raro encontrarmos, a par desta espécie de culto que podemos classificar de puramente espiritual, o culto material traduzido em presentes, convites para passeios, para jantares, etc..

Daqui resulta que, muitas vezes, os médiuns envaidecidos com essas particulares provas de apreço e carinho, se imaginam, na verdade, muito acima do comum dos mortais e, não desejando perder essa posição de relevo e o prestígio de que gozam entre os que com eles privam, não hesitam, quando sentem enfraquecidas as suas faculdades ou delas se exige trabalho demasiado, em recorrer à fraude, não raras vezes desmascarada, com grande escândalo e prejuízo para o bom nome e prestígio do Espiritismo.

Se é certo que o médium carece dum ambiente psíquico favorável à produção dos fenómenos, que só das pessoas que o

rodeiam lhe pode advir, e se esse ambiente tem de formar-se e manter-se com a simpatia, a amizade e a confiança que ligam os experimentadores entre si e o médium, a verdade é que esse estado favorável se pode conseguir sem necessidade de recorrer à ideia de que o médium é um ser quase fora das possibilidades espirituais dos restantes componentes do género humano.

*

Como dissemos, a mediunidade é uma aptidão e podemos afoitamente assegurar que todos possuímos qualquer espécie de mediunidade, sendo a mais frequente, a intuitiva, revelada a todos os instantes por aquilo a que vulgarmente se chama *pressentimentos*. Mas além desta espécie de mediunidade, que uma cuidadosa observação pode, facilmente, reconhecer, uma outra existe também bastante generalizada. Queremos referir-nos à mediunidade escrevente semi-mecânica, faculdade que qualquer pessoa pode, sem perigo, tentar desenvolver, desde que esteja assistida por quem saiba orientar-lhe os primeiros passos e livrá-la, a tempo, dos escolhos e dificuldades que, quase sempre, surgem.

As restantes espécies de mediunidade, à medida que vai aumentando a sua importância e valor probatório, tornam-se, cada vez, menos vulgares, sem que dessa raridade se possa concluir que procede a opinião do favor de Deus.

Nem sequer o melhor médium é, necessariamente, o mais evoluído sob o ponto de vista espiritual, porquanto sabemos também que algumas mediunidades há, muito importantes, que se não revelam só em pessoas de elevado apurmo moral.

Diz Allan Kardec: *“A faculdade propriamente dita depende do organismo, e é independente do moral; não se dá o mesmo a*

respeito do uso, que pode ser melhor ou pior, consoante as qualidades do médium.” (O Livro dos Médiuns).

Mas se à mediunidade, considerada de uma maneira geral, negamos o carácter excepcional que muitos pretendem impor-lhe; se entendemos que o médium, mesmo o mais desenvolvido, não deve ser objecto de tratamento diferente daquele que temos por obrigação dispensar a todas as pessoas; se salientamos que a faculdade mediúnica não é, sequer, consequência de um invulgar progresso espiritual, não procuramos, em contra-partida, ocultar a grande responsabilidade em que incorrem os médiuns quando das suas faculdades não façam o uso mais adequado.

“Sublimes deveres e extensas responsabilidades, - escreve Léon Denis – acarreta a alta mediunidade. Muito se pedirá a quem muito receber. Os médiuns são desse número. Seu quinhão de certeza é maior que o dos outros homens, pois vivem por antecipação no domínio do invisível, ao qual os prende um laço cada vez mais apertado.” E acrescenta ainda: *“O médium tem que cumprir imperiosos deveres e não esquecer que as suas faculdades lhe não são outorgadas para si próprio, mas para o bem dos seus semelhantes e o serviço da verdade.”* (No Invisível).

Dr. PEDRO DIAS DE SOUSA

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos, Setembro/Outubro de 1939).



AS BODAS E O TERCEIRO MILÉNIO

A Terra vai, aos poucos, moldando o perfil De planeta de Regeneração

“Os servos, então, saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus...” – JESUS. (Mt., 22:10)

O Terceiro Milénio chegou com sérios indicadores: ele representa o lapso de tempo que resta para a transição da Terra que deverá, salvo desígnios Superiores, ser guindada à condição de Mundo de Regeneração, perdendo as actuais características de planeta de provas e expiações...

A consequência imediata e inevitável disso é que haverá maior rigor selectivo nos futuros projectos de reencarnação para o planeta. Assim, a primeira preocupação que nos vem à mente, é: será que estaremos entre *“os mansos que herdarão a Terra?”* Seria presunção supor que já atendemos aos quesitos necessários para ingressos em Mundos de Regeneração?! Sei não! Pelo andar da carruagem... Estamos mais para futuros degredados que propriamente regenerados, haja vista o teor de ancestral rebeldia que ainda onera nossa economia espiritual, pois criados para o amor, ainda estamos às voltas com ódios mordentes, personalidades rudes e limitações sem conto...

Sem embargo, por outro lado, lucila débil esperança, uma vez que os desígnios Divinos estão sempre revestidos pelo algodão da misericórdia e, mesmo ainda não reunindo os “*considerandos*” necessários, por não estarmos cem por cento ajustados aos ensinamentos de Jesus, podemos acalentar um sentimento de moderada confiança de estarmos entre as criaturas que seguirão para o patamar da Regeneração. Evidentemente, será necessário emprendermos mais esforços e começarmos, desde já, a desvestir a “*capa*” do homem velho.

Nosso refreado optimismo quanto a tal possibilidade, está ancorado na questão 872 de “*O Livro dos Espíritos*”, na qual os Benfeitores Espirituais nos acenam com a possibilidade de pleitear uma vaga nos Mundos de Regeneração. Fazem-no no último parágrafo da referida questão, nos seguintes termos:

“(...) Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como o nosso mundo é um dos menos adiantados, nele se conta maior número de Espíritos maus do que de bons. Tal a razão porque aí vemos tanta perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde não nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário.”

Se ainda estamos arrolados entre os maus do planeta e fizermos esforços para nos transferirmos para a faixa dos bons, por certo nossa chance de êxito crescerá!

Observemos que, tanto na citação do registo de Mateus, em epígrafe, como na questão 872 de “*O Livro dos Espíritos*”, faz-se

alusão a *bons e maus*, configurando, assim, uma perfeita simetria bilateral entre o ensino de Jesus e o dos Espíritos Superiores.

O detalhe que não nos escapou foi que os servos mencionados na Parábola das Bodas, saíram *três vezes* à procura dos convidados, e só lograram trazer-los na *terceira* investida.

Não fica difícil, portanto, extrairmos *o espírito que vivifica da letra que mata*, concluindo, de toda essa simbologia, que o *Terceiro Milénio* significa a última oportunidade para nos dirigirmos ao *salão de festas* (leia-se: Mundo de Regeneração), uma vez que em tal *salão* bons e maus foram admitidos e expulso tão somente aquele que – definitivamente – não portava a mínima parcela de luz para ali permanecer.

Se perdermos o ensejo esta vez, sabe-se lá quantos milénios deverão passar até sermos novamente convidados para outro *festim*.

Não é sem motivo que, em suas últimas mensagens, o nobre Dr. Bezerra de Menezes, está sempre – invariavelmente – a repetir: “*Meus filhos, o tempo é agora, não amanhã...*” Ouça quem tem ouvidos para ouvir e obedeça quem tem juízo!

Quem vai querer ficar do lado de fóra do *Salão das Bodas*, onde haverá trevas, choro e ranger de dentes?! Sem embargo, essa tem sido – desde milénios – a nossa opção. Chegou a hora de alterar isso! O “*terceiro convite*” aí está, desde o já longínquo 18 de Abril de 1857. Atende-lo ou não, compete a cada um de nós.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – Mgerais – Brasil)

A PALETA DO PINTOR

O dia e a Noite

Ele era um homem comum que se dedicava, nas horas vagas, a impressionar as telas com rasgos das visões que tinha observado na Natureza que o rodeava. Pintava flores, desde as mais simples às mais belas, em hastes delicadas; pintava as violetas singelas e humildes e aquelas outras que cresciam, agrestes e a esmo, pelos campos... Pintava as ondas do mar que observava, ora calmo, ora revoltado, atirando as suas ondas numa gritante manifestação de zanga... Olhava os lagos, e tentava transmitir à tela a calma das águas paradas que, mesmo assim, ofereciam o espelho da sua tranquilidade para nele se refletirem as nuvens, que pareciam correr no céu, como que buscando alguma coisa que não conseguiam encontrar!

Pintava tudo! E de tanto pintar, saturou-se das telas repetidas que ia criando, sem encontrar, a partir de determinado momento, o ponto fulcral de toda a beleza que buscava. Sentia que ela existia, mas onde? Porque não surgia perante os seus olhos, esfomeados do Belo, para a poder gravar num gesto criador, numa tela que ambicionava única?

Porque não lhe fazia Deus a vontade, porque não era ele – que se considerava, enquanto pintava, a mão do Criador – porque não conseguia descobrir o motivo maior que o realizaria como Artista?

Na busca que empreendeu foi começando obras que logo inutilizava, destruindo telas e pinturas. Nada já o satisfazia, nada já lhe tocava a alma e o coração, dando-lhe o prazer... de transpor para a tela a beleza que tivesse admirado ao natural!

Desanimado, abandonou as telas a um canto do atelier, embalou numa sacola as roupas que achou imprescindíveis, um caderno, lápis – muitos lápis! -, e partiu à descoberta, calcorreando montes e vales, sentindo o abraço calorento do sol, o refrescante beijo das gotas da chuva com que, por vezes, se sentia agraciado, de dia como de noite, enquanto os pés o levavam sempre para um mais além, que não sabia quando atingiria, porque não sabia onde ficava!

E os dias foram marcando o Tempo, somando semanas e meses... semanas e meses em que esqueceu a comodidade de um leito, o abrigo de um tecto, o calor amigo que sempre sentia no seu lar. Fez dele a Natureza que o abrigava de dia e de noite, conforme a disposição e o cansaço... e andava, caminhava sempre!

Um dia, atravessando uma aldeia, os olhos passaram, distraídos, pelo vulto de duas crianças abrigadas nos degraus de uma casa. Olhou e seguiu em frente mas, meia dúzia de passos mais estancou de repente, para logo retroceder na busca da imagem que os olhos observaram e, só depois, lhe tinham transmitido à mente.

- O que era “aquilo”? Que tinha ele visto? Que significavam aquelas crianças?

Retrocedeu até elas, ainda no mesmo lugar. Tinham poucos anitos, uma como a outra, e as vestes, meio coçadas, falavam de uma carência que não deveria ser própria de tão pequenos seres!

Os cabelos não eram os fios de ouro das crianças que entravam nos salões de chá, ou iam com os pais e outros familiares aos salões da moda, aos museus... Eram cabelos meio crespos, meio emaranhados, de quem não tinha há já algum tempo o benefício da

higiene... tal como os rostos, meio lambuzados de qualquer coisa que havia sido ingerida anteriormente, e marcados por regos que podiam ser de lágrimas ou de água com que tivessem tentado lavarem-se... mas, apesar disso, rostos sorridentes, infantis, espalhando um no outro uma partilha da alegria que lhes era proporcionada pelo naco de pão, duro com certeza, que iam esfarelado e metendo nas boquitas uma da outra como se do melhor manjar se tratasse!

Naqueles rostinhos ele não leu nem carência, nem fome, nem tristeza: ele leu, apenas, amor – amor que os olhos transmitiam, embevecidos, fitando a companheira que partilhava as migalhas com que se ia alimentando. Os olhos ternurentos gritavam, apenas, meiguice... e ele estancou à frente delas, retirando o caderno da sacola para traçar as primeiras linhas da tela que mais tarde preencheria com todos os tons do arco-iris, envolvendo aqueles vultos num abraço que parecia ser divino!

Os dois modelos, as crianças, quando a tela foi exposta ao público, não usavam já os farrapos que o esboço e a pintura registara: os rostinhos estavam limpos, lavados, com a pele luzidia que falava da fartura e cuidados alimentares que não lhes faltavam mais.

Todos admiraram a beleza da pintura, o enquadramento da tela, o rosto das crianças, o olhar, o sorriso... e partiam, pensativos, perante a explicação do autor:

- Deus criou tudo o que nos rodeia, e de que beneficiamos sem, sequer, apreciarmos e reconhecermos o quanto nos beneficia... Deu-nos o dia e a noite – tal como estas crianças!

... e o dia era a criança branca e, a noite, a negra – ambas amigas, ambas Criação Divina, porque o Senhor não faz distinção entre todos os seus filhos!

JEAN PIERRE

(Psicografia de M.M., em 6/3/2011).



DIA DE DEUS

Pensando em Deus, pensa igualmente nos homens, nossos irmãos.

Detem-te, de modo especial, na simpatia e no amparo possível, em favor daqueles que se fizeram pais ou tutores.

As mães são sempre revelações angélicas de ternura, junto aos sonhos de cada filho, mas é preciso não esquecer que os pais também amam.

Esse perdeu a juventude, carregando as responsabilidades do lar; aquele entregou-se a pesados sacrifícios, apagando-se a si mesmo, para que os filhos se titulassem com brilho na cultura terrestre; outros se escravizaram a filhinhos doentes; muitos foram banidos do refúgio doméstico, às vezes, pelos próprios descendentes, exilados que se acham em recantos de imaginário repouso, por trazerem a cabeça branca por fóra, e, em muitas

ocasiões, alquebrada por dentro, sob a carga das lembranças difíceis que conservam, em relação aos infortúnios que atravessaram para que a família sobrevivesse, e, ainda outros, renunciaram à felicidade própria, a fim de se converterem nos guardiães da alegria e da segurança de filhos alheios!...

Compadece-te de nossos irmãos, os homens, que não vacilaram em abraçar amargos compromissos, a benefício daqueles que lhes receberam os dons da vida.

Ainda mesmo aqueles que se transviaram ou que enlouqueceram, sob a delinquência, na maioria dos casos, nos merecem respeitoso apreço pelas nobres intenções que os fizeram cair.

A vida comunitária, na Terra de hoje, instituiu datas de homenagens a profissões e pessoas. Lembrando isso, reconhecemos, por nós, que o Dia das Mães é o Dia do Amor, mas reconhecemos também que o Dia dos Pais, é o Dia de Deus.

EMMANUEL

(In: 'Meditações Diárias', Francisco C. Xavier, ed. IDE).

*

ELES QUE DECIDAM!

Temos ouvido pais que, interrogados sobre a orientação religiosa que estão a dar a seus filhos, nos respondem despreocupadamente que “Nenhuma! Quando forem adultos, eles que decidam!” Esta resposta, repetida *n* vezes, chama forçosamente a nossa atenção para a maneira como, muitas vezes por uma questão de comodismo, nós deixamos escapar oportunidades extraordinárias de ensinamento e expansão da fé e moralização crística aos nossos mais pequeninos.

Todos nós sabemos, sim, que a nossa crença de hoje poderá não ser, Amanhã, a dos nossos filhos, mas é nosso dever de pais inculcar no coração das “nossas criaturinhas” o amor, o respeito, o ensino moral que Jesus nos deixou quando na Terra, para não termos que os ouvir um dia, quem sabe se num lamento ou numa censura, que não têm fé porque nunca ninguém os ensinou. Os nossos filhos não nos pertencem: Deus entregou-os ao nosso cuidado, por empréstimo, para os ensinarmos e orientarmos, para lhes prepararmos os primeiros passos, para ajudarmos a que cresçam... Toda a planta, para dar bons frutos, teve de ser preparada, cuidada, podada, colocada em terra bem arroteada... com as crianças acontece o mesmo: se não forem preparados de pequeninos, começam a crescer sem a “estaca” que os ajudará a manterem-se direitos e escorreitos; e a estaca deles é a fé, que advém do amor por Deus, por Jesus e Maria, e, na continuação, pelo próximo – como fazendo parte da Lei Divina. Se nos abstermos desta preparação, destes ensinamentos, como poderemos esperar que eles cresçam de alma sã, cultivando o amor e a amizade, respeitando o próximo para serem por ele respeitados?

Note-se: os pais deixaram de falar de Deus a seus filhos, deixaram de os orientarem para uma qualquer religião – seja a que eles sigam, seja uma qualquer, ainda que pondo-se o caso de não seguirem nenhuma... Paralelamente, nas escolas, deixou de haver a disciplina de moral e religião: tiraram-se os crucifixos das aulas para não se ‘ofenderem’ aqueles alunos cuja religião não tinha o Cristo... as crianças começaram a crescer sempre mais penderes da fé que ninguém lhes inculcava: nem os pais, em casa, nem os professores, nas escolas. Veja-se o resultado, a longo prazo, desta última atitude: sempre mais desequilibrados emocionalmente, escondidos na mentira com que a maioria das vezes enganam os mais velhos, os mais pequenos quiseram começar a “provar” que eram gente. Como fizeram? Pegando em armas, que levavam escondidas, e atirando indiscriminadamente para colegas e professores. Porquê? Apenas... por nada, porque estavam stressados, porque queriam que alguém se preocupasse com eles!

Triste maneira de um jovem chamar a atenção dos mais velhos – da mesma maneira que é triste quando começam a fumar maconha ou a drogarem-se porque “se ninguém se preocupa comigo, porque não hei-de fazer o que me apetece?”...

Conhecemos alguns pais de hoje que choram o facto de não terem dado nenhuma orientação religiosa aos filhos, quando eles foram pequenos: a ideia que, mais tarde, eles procurariam, foi um “tiro que lhes saiu pela culatra” porque, quando atingiram a idade adulta os filhos, habituados a não pensarem em Deus, resolveram simplesmente continuarem na mesma e, pais mais tarde, fizeram com os filhos o mesmo que os seus tinham feito com eles.

E, quando regressarem ao mundo espiritual e lhes perguntarem: “Que fizeste das crianças que eu confiei à tua guarda?”, o que é que cada um vai responder?

Então, vamos colocar nos corações das nossas criaturinhas, o nome e o conhecimento de Deus... e demos tempo ao Tempo!

M. V.